

EDUCOMUNICAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL: um novo olhar para a educação

EDUCOMMUNICATION AND YOUTH LEADERSHIP: a new look for education

Lauro Roberto Lostada¹

Edemilson Gomes de Souza²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas breves considerações sobre a escola tradicional, considerada por muitos como uma instituição reprodutivista, arcaica e ultrapassada, e o impacto que as tecnologias têm causado diretamente em sua estrutura e, portanto, nas práticas dos professores. Desta maneira, será apresentado um novo modo de pensar a escola: a educomunicação. Para tanto, o trabalho parte de uma pesquisa empírica, com uso de técnicas de entrevista e observações, em que será analisada a experiência de um projeto educutivo que oferece oportunidade de engajamento aos estudantes de uma escola do município de São José, em Santa Catarina, por meio da produção radiofônica, veiculada na instituição diariamente, o que tem demonstrado a possibilidade de um novo modelo pedagógico, mais participativo, em que o professor passa a exercer o papel de um mediador, cujo esforço se volta à oferta de espaços de participação e novas oportunidades de aprendizagem. Assim, as análises aqui apresentadas permitem entender, de modo geral, o protagonismo juvenil como um novo modo de olhar a educação e, destarte, a própria escola do século XXI.

Palavras-chave: Educação. Mídia-Educação. Educomunicação. Protagonismo juvenil.

Abstract

This work aims to present some brief remarks on the traditional school, considered by many as a reproductivist institution, archaic and outdated, and the impact that technology has caused directly in its structure and therefore the practices of teachers. In this way, a new way of thinking the school will be presented: educommunication. Therefore, the work of an empirical research, using interview techniques and observations, which will be analyzed the experience of a educative project that offers engagement opportunities to students of a school in São José, Santa Catarina, through the radio production, conveyed the institution daily, which has demonstrated the possibility of a new pedagogical model, more participatory, where the

¹ O autor é doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. É servidor público estadual da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, atuando na Escola de Educação Básica Irmã Maria Teresa como Assistente Técnico Pedagógico. E-mail: lostada25@yahoo.com.br.

² O autor é mestre em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É professor de Projetos na Escola Marista São José. E-mail: edemilsomgomes@hotmail.com.

teacher starts to play the role of a mediator, whose efforts to back the provision of opportunities for participation and new opportunities learning. Thus, the analyzes presented here allow us to understand, in general, youth participation as a new way of looking at education and Thus, the very school of the XXI century.

Keywords: Education. Media-Education. Educommunication. youth leadership.

INTRODUÇÃO

Desde a revolução industrial percebemos a necessidade das indústrias por uma mão-de-obra qualificada, o que fez com que se estabelecesse uma grande expansão da educação para as camadas mais pobres da população. Esta oferta, porém, era de uma educação de baixa qualidade, utilitarista, com fins profissionalizantes, conformadores e disciplinadores. Em geral, a escola passou a exercer um papel de grande importância para a conformação das massas aos interesses das elites.

O que percebemos é que, com a democratização do conhecimento e acesso à educação, foi preciso elaborar um sistema cada vez mais complexo para manter as relações de dominação até então constituídas. Para tanto, instituições como a própria família, a escola, a igreja e o estado se tornaram fundamentais – elas passaram a operar com a formulação de mecanismos estruturais que moldam a sociedade e as relações que se estabelecem em torno dela. Para Bourdieu (1998), por exemplo, o *habitus* é o princípio ativo de unificação das práticas e das representações, que é construído e naturalizado por meio destas instituições.

A escola ocupa, portanto, uma função de grande importância na constituição do cenário moderno, estabelecendo, com suas práticas, a manutenção das posições herdadas e a permanência das relações de poder entre aqueles que são dominados e os que dominam. Para tal, a escola elabora e executa esquemas cada vez mais poderosos e bem articulados para produzir pessoas aptas a exercer seu papel dentro da sociedade. A educação se torna parte integrante da formação humana e o professor uma ferramenta de controle por meio de suas práticas e métodos pedagógicos. A escola se transforma, portanto, num instrumento de massificação, à luz das próprias fábricas.

O que se verifica, no entanto, é que a história deixa claro um movimento de contraditórios, ao possibilitar dizer que a história é feita por impasses, revoluções e acomodações. Assim, observamos que as lutas travadas entre as elites e os movimentos

sociais acabaram por escrever a própria história da educação, enquanto campo de um movimento político maior, em que se inscreve a história do país. Na escola, o legado econômico da família se transforma e se materializa em capital cultural, reproduzindo, legalizando e efetivando a desigualdade da sociedade e seus valores, seja por intermédio do sistema, dos conteúdos ou da própria avaliação. (VALLE, 2010).

Enquanto educadores e cidadãos preocupados com os rumos da nossa sociedade, contudo, precisamos pensar em instrumentos eficazes para uma transformação da escola. Assim, podemos ler:

Contudo, a ruptura herética da ordem estabelecida (e também das disposições e representações por ela engendradas nos agentes moldados conforme suas estruturas) supõe a conjunção entre o discurso crítico e uma crise objetiva, capaz de romper a concordância imediata entre as estruturas incorporadas e as estruturas objetivas de que as primeiras constituem o produto, bem como de instituir uma espécie de *epochè* prática, vale dizer, de suspensão da adesão originária à ordem estabelecida. (BOURDIEU, 1998, p. 118).

A educação é uma possibilidade real de libertação das pessoas, pois oferece instrumentos capazes de mobilizar instâncias de discussão coletiva (real-política), que podem dar força à razão, demolindo falsos problemas e produzindo problemas reais – essas instâncias, aliás, carregam em seu bojo as forças vivas que agem no sentido de coletivamente promover a autonomia do conhecimento e, portanto, libertar a escola de sua função reprodutora.

É só uma reflexão coletiva, capaz de mobilizar todas as forças vivas da instituição (e em particular, os pesquisadores mais ativos e mais inspirados, sobretudo entre os mais jovens) e todos os recursos (que seria preciso censear e mobilizar e dar a conhecer a todos os membros da instituição), poderia conduzir a essa espécie de conversão coletiva que é a condição de uma verdadeira atualização.

esse processo de autonomia, porém, pode entrar em conflito com profundas crenças e opiniões geradas e consumadas nos indivíduos, que concebem que o conhecimento é voltado apenas à aplicação e à produção de recursos que venham a consolidar e a expandir as relações já constituídas, afinal, o *habitus* dirige também o criador a participar de sua coletividade e de sua época, orientando-o, sem que ele tenha consciência, em seus atos de criação. (BOURDIEU, 2003, p. 64).

Não há, provavelmente, outra forma de mudar essa situação. O indivíduo precisa tomar consciência de seu estado para poder tomar alguma atitude. As estruturas sociais precisam ser expostas e as estratégias de reprodução precisam ser desveladas, por assim dizer.

Desde a relação entre pai e filho, passando pela escola, a igreja, e as demais instituições, é preciso vislumbrar cada situação com um olhar crítico, pois é no cotidiano que se expressam as mais profundas e enraizadas estruturas que fazem com que a realidade permaneça tal e qual e que, inconscientemente, assumamos nosso papel determinado na sociedade.

Assim, concebemos que hoje, muito pelo impacto que as mídias trouxeram para a sociedade, muita coisa mudou. Martín-Barbero (2004), por exemplo, afirma que vivemos uma cultura pré-figurativa, em que os pares estão substituindo os pais e o aprendizado passa a ser fundado na própria exploração que os jovens fazem do seu universo tecnocultural (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 334). Nesse cenário, a educação apresenta um grande descompasso, pois seus objetivos de universalização não são atingidos, sua qualidade tem se deteriorado gradativamente, os professores são desmoralizados com seus baixos salários, escassez de recursos e não-renovação de suas equipes. Além destes elementos, também podemos considerar os modelos de comunicação que subjazem à educação como fatores desse descompasso, afinal, a escola incorpora um regime do saber baseado no texto impresso.

Consolida-se um verdadeiro paradigma educacional, em que o texto impresso (livro, etc) instaura uma territorialização das identidades pela aprendizagem fundada no controle social – seja por informação ou por segredo. A aprendizagem passa a ser medida pela evolução da própria leitura, que se transforma numa escala mental de desenvolvimento e, assim, o rendimento escolar também é comensurado por pacotes de informação apreendidos, num modelo escolar que segue à risca a tradição cristã, progenitora do ensino escolar moderno, com relação à leitura das sagradas escrituras – tanto quanto o clérigo detinha o poder da leitura e interpretação autêntica dos Livros Sagrados, agora o professor é quem detém o poder de leitura e interpretação autêntica do livro didático.

As mídias, enquanto representantes desse novo cenário participativo, acabam sendo refutadas nesta escola, pois:

A criatividade do leitor cresce na medida em que cai o peso da instituição que a controla. Daí a antiga e pertinaz desconfiança da escola com relação à imagem, em direção a sua incontrolável polissemia que a converte no contrário do escrito, esse texto controlado internamente pela sintaxe e de fora pela identificação da clareza com a univocidade. A escola buscará, contudo, controlar a imagem, seja subordinando-a ao ofício de mera ilustração do texto escrito, seja acompanhando-a de um cartaz que indique ao aluno o que diz a imagem. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 337).

A escola, da forma como atua, acaba produzindo nos jovens uma lacuna cada dia mais profunda entre sua cultura e a que ensinam seus professores. Essa lacuna deixa os jovens literalmente indefesos ante a atração que exercem as novas tecnologias, tornando-os incapazes de se apropriar crítica e criativamente delas. As tecnologias são, para as escolas, apenas uma possibilidade de tornar o ensino menos entediante diante da inércia das jornadas escolares. A relação da comunicação com a educação se torna, portanto, apenas instrumental. O professor se sente confiante diante do poder que tem com o texto, mas desconserta quando se vê diante das mídias, afinal, o aluno sabe muito mais e maneja com maior facilidade que ele as linguagens da imagem.

O livro, continua e provavelmente continuará sendo a base para uma primeira alfabetização, mas é preciso ir além dessa cultura e fundar uma segunda alfabetização que abra as portas para as múltiplas escritas que hoje conformam o mundo tecnocultural. A educação não pode virar suas costas para as transformações do mundo e os novos saberes por ele mobilizados e, por isso, sua nova função passa a ser a construção de cidadãos críticos, que saibam ler de forma cidadã o mundo. O professor precisa se converter em um formulador de problemas, provocando interrogações, coordenando equipes de trabalho, sistematizando experiências, consolidando um verdadeiro diálogo entre culturas e gerações. Para Sancho (2006, p. 31): “As tecnologias digitais [são] como investimento na autonomia dos estudantes para gerenciar sua educação, para que possam aprender perguntando e respondendo os desafios educativos e formativos da sociedade atual”.

1. EDUCOMUNICAÇÃO, UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO

Uma nova área do conhecimento se configura pelas inter-relações entre as áreas da Educação e da Comunicação e vem sendo chamada de Educomunicação. De acordo com o entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), o conceito de Educomunicação designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, e que se apresenta, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar a possibilidade de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e juventude (SOARES, 2011).

Embora a Educomunicação seja um campo novo, o neologismo *edukommunikation* já havia sido pautado, nos anos 1980, pela UNESCO, como sinônimo de *Media Education* (Educação para Recepção Crítica dos Meios de Comunicação), para designar todo o esforço do campo educativo em relação aos efeitos dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens.

No Brasil, sobretudo, a prática da educomunicação foi difundida a partir das concepções da educação popular de Paulo Freire, sendo sua prática disseminada ao longo da década de 1990 por núcleos de extensão de universidades e ONGs voltadas para o uso da mídia em suas experiências de formação de crianças e jovens. Algumas dessas instituições passaram a entender que o exercício de produzir comunicação de forma democrática e participativa, por parte das crianças e jovens, representaria um diferencial em relação às experiências internacionais voltadas exclusivamente para as práticas de “leitura” da mídia. Assim, a educomunicação se estabeleceu como:

O conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (SOARES, 2011, p. 36).

Sabemos que uma educação preocupada com a formação dos educandos busca dar conta de todas as dimensões do desenvolvimento do sujeito e se estabelecer como processo ao longo da vida. Nesse sentido, a educomunicação busca repensar as práticas de ensino e aprendizagem e o reconhecimento da comunidade escolar, oportunizando outras possibilidades educativas, para além daquelas fragmentadas pelos tradicionais currículos escolares.

Nesse contexto, a educomunicação possibilita o diálogo com outras áreas do conhecimento, em arranjos mais abertos, criativos, críticos e participativos, em que se busca dar ênfase a uma educação dialógica de produção de conhecimento, que fuja àquela do tipo bancário, em que apenas há a transmissão de conteúdo (FREIRE, 1969).

O diálogo e a problematização não adormecem ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador educando vão ambos desenvolvendo uma postura crítica, da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas, sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação. (FREIRE, 1973, p. 62).

Promover relações dialógicas significa entender que o convívio, a apreensão, a produção do conhecimento e a gestão das decisões são processos que precisam ser participativos e horizontais, à medida que se dão na construção e realização da autonomia de cada um. Freire (1977, p. 66) destacou que “[...] o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode sem a coparticipação de outro sujeito no ato de pensar sobre o objeto”. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário. Somos sujeitos sociais e, portanto, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhamos saberes historicamente constituídos, negociamos significados. Para Freire (1987, p. 78): “[...] todos educam; todos ensinam e aprendem. Por isso, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em ‘seres para outro’ por homens que são falsos seres para si mesmos. (FREIRE, 1973, p.75).

O diálogo é um elemento crucial para problematizar o conhecimento. O diálogo não é um mero bate-papo, o diálogo é uma metodologia e uma filosofia.

o que se pretende, com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1973, p. 57).

O que presenciamos no cotidiano de nossas escolas, contudo, é um ambiente de mera reprodução, em que não se dá importância ao diálogo e à participação. “Valoriza-se muito o dado e muito pouco o conceito, a boa retenção dos conteúdos (isto é, sua memorização) é premiada, e a reprodução pouco fiel é castigada. A elaboração pessoal do educando é, também, reprimida como erro”. E acrescenta: “A experiência de vida dos educandos é desvalorizada”. (KAPLÚN, 1998, p. 205).

Entende-se que a relação dialógica aqui tratada não é resultado direto da tecnologia adotada, mais ou menos amigável, mas essencialmente da opção por um tipo de convívio humano. Trata-se de uma decisão ético-político-pedagógica, que necessita, naturalmente, ser circundada pela definição de tecnologia de auxílio. (SOARES, 2011).

Um ambiente escolar educomunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (direção – docentes - estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas (interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pedagogia de projetos), elementos que conformam a pedagogia da comunicação. Quando falamos, pois, de ecossistema comunicativo no espaço escolar, estamos nos referindo a um projeto educativo que tem como meta a qualidade dos relacionamentos, associada à busca por resultados mensuráveis, estabelecidos a partir de uma proposta comunicativa negociada no âmbito da comunidade educativa (SOARES, 2011, p.45).

Assim, a prática pedagógica educomunicativa emana do campo da educomunicação e surge na escola como possibilidade de trabalho mediatizador, pois

- * Consideram as particularidades desta contemporaneidade marcada pelo universo midiático e tecnológico;
- * Estabelecem um ecossistema comunicativo nas relações de um determinado espaço educativo;
- * Ampliam as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, famílias e sociedades);
- * Preocupam-se com o uso pedagógico crítico de recursos tecnológicos e midiáticos.
- * Favorecem uma relação crítica mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida. (SOUZA, 2013, p. 198).

Para Sartori (2012, p. 35) as práticas pedagógicas educomunicativas favorecem “[...] uma relação mais ativa e criativa do sujeito em relação às referências midiáticas a que tem acesso, isto é, potencializam os ecossistemas comunicativos entre todos os envolvidos no processo educativo”.

2. PROTAGONISMO JUVENIL: UMA MUDANÇA POSSÍVEL

O termo protagonismo juvenil surgiu no cenário político e econômico no final da década de 1980, como a concepção de empoderamento e participação democrática da juventude, e está relacionado à noção de sujeitos de direitos, presente no Estatuto da juventude, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e no Estatuto da Criança e do Adolescente. A palavra é originada do grego *protagnistés*, que se refere ao ator principal no teatro grego ou que ocupa o papel central num acontecimento (FERRETTI, 2004). Essa expressão remete à participação no processo de transformação política e social, atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, à responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania (STAMATOS, 2009).

No campo do desenvolvimento pessoal (aprender a ser), a prática do protagonismo contribui para o desenvolvimento do senso de identidade, da autoestima, do autoconceito, da autoconfiança, da visão de, do nível de aspiração vital, do projeto e do sentido da vida, da autodeterminação, da auto-realização e da busca de plenitude humana por parte dos jovens. No campo da capacitação para o trabalho (aprender a fazer), o protagonismo propicia ao jovem, através de práticas e vivências estruturantes, o desenvolvimento de habilidades como autogestão, heterogestão e co-gestão, ou seja, ele aprende a lidar melhor com suas potencialidades e limitações (gerir a si mesmo), a coordenar o trabalho de outras pessoas (atuar sobre a atuação de outros) e agir conjuntamente com outros adolescentes e adultos na consecução de objetivos comuns (trabalho em equipe). Nesse sentido, o protagonismo juvenil diz respeito à atuação criativa, construtiva e solidária do jovem, junto a pessoas do mundo adulto (educadores), na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla. (COSTA; VIEIRA, 2006, p. 21-22).

O protagonismo é uma forma de ajudar o adolescente a construir sua autonomia e interação, com a geração de espaços e situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (STAMATOS, 2009). Não se trata, contudo, dos adultos deixarem de exercer seu papel e jogar sobre os jovens o peso total da responsabilidade do que ocorreu ou deixou de ocorrer, se trata do estabelecimento de uma corresponsabilidade entre jovens e adultos pelo curso dos acontecimentos, que resulta de sua atuação conjunta.

O objetivo é que jovens possam ir construindo sua autonomia através da prática, da situação real, do corpo-a-corpo com a realidade, a partir da participação ativa, crítica e democrática em seu entorno social. As relações escola-comunidade, os programas não-formais de educação para a cidadania, o movimento estudantil do tipo novo (não instrumentalizado por organizações político-partidárias e ideológicas do mundo adulto), as ações nos campos do meio ambiente, da saúde, da promoção da qualidade de vida, da cultura, do esporte e do empreendedorismo produtivo são exemplos típicos de áreas onde esse tipo de participação juvenil pode ser exercido de modo pleno. (COSTA; VIEIRA, 2006, p. 23).

O protagonismo juvenil é uma forma de atuação com os jovens, a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade. Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Trata-se de uma postura pedagógica que contraria qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação. Assim, a prática carece da mediação de um educador especializado, afinal, os adolescentes carecem de diretividade. Não se trata, contudo, de uma diretividade que venha a tolher sua iniciativa e sua criatividade; ao contrário, se defende a diretividade democrática, ou seja, uma forma de direcionamento que, em vez de inibir, estimule o exercício de níveis crescentes de autoconfiança, de autodeterminação, de autonomia.

3. METODOLOGIA

Um dos primeiros passos para a compreensão do tema deste trabalho foi se apropriar das suas discussões teóricas por meio da leitura de autores das áreas de Educação e Comunicação que discutem Educomunicação e Protagonismo Juvenil. Outro ponto é compreender como se estrutura e escola que participou do estudo, considerando que as atividades da rádio ocorreram dentro daquilo que lá se conhece por Jornada Ampliada.

Na compreensão da escola seguiu-se o preceito de Orofino (2008) que aponta esse lugar como local de apropriação da mídia e onde ocorrem o consumo cultural e a reprodução de ideologias dominantes. O conteúdo midiático a que as crianças e adolescentes têm acesso é trocado, debatido, discutido e confrontado nas inúmeras experiências desenvolvidas no cotidiano da escola. Seja no pátio, na cantina, nos corredores, ou mesmo do lado de fora dos muros, nas calçadas, antes e depois da aula, as mídias são parte importante da escolarização (OROFINO, 2008).

3.1 Centro Educacional Marista São José

O Colégio Marista e Municipal São José está localizado no município de São José, Santa Catarina. De acordo com dados do IBGE de 2013, São José possui uma população de 224. 779 habitantes distribuídos nos seus 116 Km². É o quarto município de Santa Catarina em população e eleitores, e o segundo em maior número de hab./km² do Estado. Isso implica em conviver com o desafio de uma cidade que cresceu de forma desordenada, acumulando as virtudes e mazelas dos grandes aglomerados urbanos.

É dentro do Distrito de Barreiros, mais precisamente no Bairro Serraria, que se localiza o Colégio Marista e Municipal São José, que atende principalmente a comunidade do loteamento Jardim Zanellato, composto de uma área de aproximadamente 227.186 m², que se situa geograficamente na bacia hidrográfica do rio Três Henriques, entre as comunidades de Areias e Potecas.

No início, caracterizava-se a localidade como um loteamento cujas encostas possuíam acentuada declividade, onde a vegetação era totalmente descaracterizada pela implantação de pastos e habitações em condições precárias, apresentando uma situação de risco potencial de

deslizamentos. Atualmente ainda é precário o saneamento básico, continuam alguns esgotos a céu aberto e a coleta de lixo é precária, sem coleta seletiva.

Iniciou-se assim o processo de mudança das condições de habitação e valorização da comunidade, identificando as lideranças e estabelecendo vínculos com o poder público local. O Colégio Marista foi, neste sentido, mais um elo com as famílias que passaram a ter mais dignidade na busca de cidadania. Assim, durante os 19 anos em que o Colégio Educacional Marista São José está atuando no Jardim Zanellato, vem acompanhando as mudanças e o crescimento da comunidade.

3.2 Jornada Ampliada

Em se tratando de ofertar uma modalidade formativa que dialoga com o ensino formal no que diz respeito à missão educativa marista, a jornada ampliada é um projeto de contraturno que visa dar condições pedagógicas para o fortalecimento do processo educativo, melhoria no ensino-aprendizagem e consequente elevação do aproveitamento e resultados em avaliações externas, potencialização das possibilidades de expressão dos educandos, resgate da cidadania crítica e empoderamento político e cultural da comunidade do Jardim Zanellato. Tem por objetivo implantar a educação integral por meio de jornada ampliada para educandos com distorção idade/série, dificuldade de aprendizagem e com histórico recorrente de reprovações.

A partir da Análise Situacional Interna que consta no Plano de Ação 2014, bem como em conformidade com a Proposta Educativa Marista, e considerando as demandas supracitadas na perspectiva do reposicionamento institucional, institui um processo formativo sob o viés da Educação Integral, contemplando o currículo e suas implicações metodológicas que promovam e oportunizem, dentre outros, o incentivo à continuidade dos estudos no contraturno para a qualificação do processo de ensino-aprendizagem, o acesso a esferas diversas de produção do conhecimento, o diálogo metodológico entre as modalidades de ensino que passaram a fazer parte do currículo da unidade, o letramento, a manifestação, valorização e resgate de expressões e linguagens artístico-culturais, a (re)apropriação das técnicas de produção de conteúdos midiáticos e a abordagem crítica quanto às formas com que se estabelecem as relações entre os binômios desenvolvimento tecnológico/econômico e sanitarismo/economia solidária (Centro Educacional Marista São José, 2014).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho trata-se de um estudo de caso, com base empírica, feito no Centro Educacional Marista São José. Assim, segundo Yin (2010), o estudo de caso contribui para o conhecimento de fenômenos sociais complexos de eventos da vida cotidiana como o comportamento de pequenos grupos, nesse caso, os estudantes. Dessa forma o estudo de caso, seguindo as afirmações de Yin (2010), serviu para explicar os presumidos vínculos causais nas intervenções das oficinas de rádio com a vida real daquilo que ocorre na escola e para além dela, ilustrar determinados tópicos e explorar as situações de intervenção que não possuem um único e claro conjunto de resultados. Esta pesquisa apresenta caráter qualitativo e em sua coleta de dados, segundo Appolinário (2009), envolveu a técnica de entrevista.

Neste estudo de caso foram realizadas entrevistas com a amostragem intencional de 10 (dez) dos vinte (20) monitores da Rádio Coração Marista. Nas oficinas havia, no número total de participantes, incluindo os monitores, 50 estudantes. No Centro Social Marista São José a proposta da rádio escolar surgiu no ano de 2007, quando, durante as aulas, os educandos da 6ª série do Ensino Fundamental II indagaram sobre a possibilidade de se criar uma rádio escolar. Junto com aquela ideia, surgiu o nome Rádio Coração Marista, o qual foi aceito, de forma unânime, pelos demais educandos. Percebeu-se que a proposta poderia ser uma oportunidade de participação dos educandos, por meio da animação dos recreios, e também expressão de suas ideias.

Em 2008 a Rádio já era reconhecida como um meio não apenas de comunicação, mas também de acolhida, troca afetiva e manifestação da cultura juvenil. Para a implantação efetiva do projeto se investiu no processo de formação na área de comunicação e na aquisição de alguns equipamentos, tais como aparelho e caixas de som, amplificador de áudio, microfone, pen drive e CDs. No início a rádio funcionava no momento do recreio e ficava sob a responsabilidade de uma equipe de educandos que tinha afinidade em relação ao projeto. No entanto, percebeu-se que os momentos de recreio eram bastante barulhentos, o que contribuía para a desvalorização da proposta da Rádio.

Em conversa com os educandos, foi proposto que a mesma passasse a acontecer no horário da entrada de cada turno, como uma forma de acolhida e animação de um momento destinado ao bate papo e à amizade. Os conteúdos transmitidos pela rádio eram músicas,

informações sobre assuntos internos e temas relacionados à comunidade local e global. Algumas ações ganharam destaque no ano de 2009, como a apresentação dos projetos realizados no Centro Social Marista São José a um grupo de visitantes; um workshop em Comunicação; e campanhas temáticas, como doações, prevenção à Gripe A, entre outros.

Em 2011 a Rádio Coração Marista ganhou uma nova roupagem, foi construída uma cabine com melhores equipamentos: amplificadores, mesa de som, microfones sem fio, computadores, programas para edição de áudio e vídeo, programa Zararadio para tocar as músicas. As pautas acontecem na acolhida com: notícias, músicas, recadinho inteligente e na hora do recreio há os quadros: perfil, vivência marista, no mundo dos esportes, correio elegante, momento cultural e entrevistas. Cada equipe elabora uma pauta e um quadro antes de levar a programação ao ar, essa atividade é realizada de modo frequente. A Rádio tem o espaço físico limitado, e os educandos têm dificuldades de manuseio em relação aos equipamentos. Apesar desses contratemplos, não há como negar o entusiasmo e o encantamento dos educandos com esse meio de comunicação.

Em 2014 o projeto implementou um grupo de monitores para conduzir a rádio e auxiliar o educador com os outros educandos nas oficinas educacionais. Os monitores também passaram por oficinas de formação, abordando temas ligados à cidadania, aos direitos humanos, comunicação, trabalho em equipe e ao meio ambiente. O objetivo das oficinas era proporcionar aos monitores formações com acompanhamento pedagógico, dinâmicas de grupo, de modo a contribuir para formação humana, cidadã e a melhoria do desempenho escolar, como também promover o protagonismo juvenil.

A intenção foi criar vínculos com os educandos do grupo e com os monitores, de modo a realizar uma inserção gradativa e respeitosa – com a intenção de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa – com os monitores, as relações sociais estabelecidas pelo grupo, suas práticas cotidianas, suas relações com a rádio, suas pautas, notícias, reportagens, vinhetas e, igualmente, o funcionamento da instituição para identificar a relação do espaço radiofônico com as outras áreas da escola.

Para Ferreira (2003, p. 153), por exemplo, a postura do pesquisador deve valorizar as ações dos adolescentes e das crianças a partir de suas interações consigo mesmos e com sua realidade social cotidiana, ou seja, precisa buscar conhecê-las em seus contextos de vida. Além disso, para ela, há a necessidade deste pesquisador compreender que “[...] todos se

constituem como sujeitos e participantes nos processos de construção de conhecimento social, o que pressupõe não mais ignorar as distinções e relações de poder entre adultos e crianças; sobretudo não as tomar como certas”. (FERREIRA, 2003, p. 153).

A análise das atividades foi feita por meio da realização de entrevistas com uso de um roteiro semiestruturado destinado a dez (10) educandos monitores que participam da Rádio Coração Marista. De acordo com Triviños (1987) a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e oferecem amplo campo de interrogativas à medida que vão surgindo novas hipóteses advindas das respostas do informante. Assim, o estudante segue sua linha de pensamento de modo a relatar suas experiências e participar do conteúdo da pesquisa com a finalidade de obter um maior entendimento quanto ao projeto de rádio escolar. Busca envolvê-los no processo da pesquisa e contribuir na qualificação das informações indicadas nos registros escritos.

Para auxiliar nessa análise qualitativa das entrevistas foi utilizado o software ATLAS.ti. A cada entrevista inserida o programa gerou um código, como por exemplo, “EA”. Esses códigos foram aproveitados para identificar os entrevistados e os manter no anonimato. O software permitiu o primeiro nível de análise por meio da leitura das entrevistas e identificações de unidades de significados. Estas foram agrupadas em códigos ou categorias. Tais unidades foram elaboradas a partir da leitura e recebiam novos códigos ou eram inseridas em outras já existentes à medida que se ia avançando na leitura das entrevistas. Foram obtidos no total trezentos e cinquenta e quatro (354) trechos selecionados das entrevistas (unidades de significado) que foram agrupados dentro de vinte e cinco (25) códigos. A partir do mesmo se geraram as categorias de análise, pela frequência dos códigos e, conseqüentemente, pontos em comum encontrados nas dez (10) entrevistas realizadas.

A exploração do material também conta com a categorização, que nada mais é do que a organização dos dados brutos que têm características em comum. Para o trabalho, a organização que ajudou na exploração se deu da seguinte forma: houve a releitura de todas as transcrições no software; foram criados códigos; foram separados no programa os trechos que mais chamaram a atenção; foram feitas análises sobre as respostas dos escolhidos; dentro dos trechos pré-selecionados, foram destacadas as partes que rendiam boas análises.

5. RESULTADOS: O PROTAGONISMO JUVENIL EM EXERCÍCIO

Para finalizar nossas discussões sobre a educomunicação como possibilidade efetiva de transformação da escola contemporânea gostaríamos de apresentar algumas considerações sobre um projeto desenvolvido no Colégio Marista São José, em Santa Catarina, que atende a crianças e adolescentes de um bairro carente da região, oferecendo atividades diferenciadas para auxiliar no desenvolvimento desses sujeitos enquanto seres autônomos e críticos. Para auxiliar em nossas reflexões, paralelamente à Rádio Coração Marista, destacamos também o trabalho desenvolvido através do TVQ, uma espécie de estação televisiva desenvolvida pelos próprios estudantes. Neste projeto todo o planejamento das ações é realizado com os alunos, desde as pautas, as gravações e entrevistas, edição e veiculação (o projeto conta com veiculação do material produzido no pátio da instituição e em seu portal no *youtube*: <https://www.youtube.com/user/CEMSaoJose>). Desde 2013, quando o projeto começou a ser desenvolvido, já foram veiculados mais de trezentos vídeos, que tratam de assuntos de interesse dos estudantes, atividades desenvolvidas na instituição e até mesmo projetos da região, que se tornam alvo do interesse dos alunos.

Do início do projeto até o momento é possível perceber uma melhora na qualidade do material, desde o sentido técnico até o mais prático, da desenvoltura do estudante, por exemplo. Um profissional capacitado é responsável por acompanhar os alunos, promovendo oficinas e oferecendo suporte técnico e prático para a construção das pautas, elaboração de roteiros, planejamentos, gravação e veiculação do material. Assim, é possível observar o desenvolvimento dos alunos envolvidos no projeto, que se tornam eles próprios responsáveis pelo projeto e, portanto, pelos novos membros, consolidando um ambiente colaborativo que tem resultado em grandes produções, com qualidade mensurável. Sobre isso podemos ler a consideração de um dos alunos do projeto:

Na rádio o processo é assim; se eu não consigo, o meu amigo que está do meu lado vai e me ajuda a fazer. Ah, mas eu estou com dificuldade nessa palavra, daí o grupo inteiro se une em prol daquela ideia. Galera temos uma pauta pra apresentar, mas eu estou com dificuldade nisso aqui, aí o grupo se une. A gente vai te ajudar. A gente vai fazer com que todo mundo possa ter essa experiência de um dia falar no microfone, de um dia poder mexer direito, porque ninguém nasce sabendo. Todo mundo num grande grupo. Um interagindo com o outro. Nos primeiros meses é até um pouco engessado, cada um fica tímido, mas quando chega no final do ano que se vê o processo. Agora com as amizades bem consolidadas. Se um está vendo que está mal ele já vai e pergunta o que aconteceu, já vai dando aquele ombro

amigo. Se percebe que o outro está com dificuldade na leitura já vai e ajuda, então, muito além de só apresentar um programa de rádio ou até um próprio programa de TV, a rádio ajuda muito na formação pessoal, por saber que o grupo está ali em volta e que é possível contar com o grupo e também que o grupo pode contar contigo.

O que se pode verificar, portanto, é que a rádio contribui para a interação e o respeito às diferenças. Na construção da pauta e do roteiro, os colegas que apresentam dificuldades na escrita ou na oratória são ajudados por outros componentes do projeto que se mobilizam para ajudar naquela habilidade que não foi desenvolvida. Demonstra-se iniciativa, protagonismo, melhora na comunicação e solidariedade com os amigos que estão no processo de ensino e aprendizagem. Aprende-se a respeitar o tempo de cada um. A produção dos programas radiofônicos leva os educandos a se sentirem mais motivados e autoconfiantes nos desafios que surgem ao longo do ano letivo. Além de ampliarem o número de amigos. Nesse sentido é que a educomunicação busca o repensar das práticas de ensino e aprendizagem e o reconhecimento da comunidade escolar, o que oportuniza outras possibilidades educativas, para além daquelas fragmentadas pelos tradicionais currículos escolares.

Promover relações dialógicas significa entender que o convívio, a apreensão, a produção do conhecimento e a gestão das decisões, são processos que precisam ser participativos e horizontais, na medida em que se dão na construção e realização da autonomia de cada um.

O interessante neste sentido é que os alunos se tornam participantes plenos do processo educativo, de forma que os mais experientes são constituídos enquanto monitores, responsáveis diretamente pelos colegas de oficina. O protagonismo, como dissemos, é uma forma de ajudar o adolescente a construir sua autonomia e interação, com a geração de espaços e situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla. (STAMATO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos neste trabalho um breve relato sobre as mudanças que a escola sofreu ao longo da história, devidas principalmente aos avanços das tecnologias e, concomitantemente, à democratização dos espaços públicos. Concebemos que a escola tradicional, reprodutivista, vive uma séria crise e que é necessário estabelecer novos

mecanismos e práticas para que essa instituição ainda exerça algum significado na vida das crianças e jovens, que tem acesso ubíquo à informação que desejam, na hora e no lugar que precisam.

A escola, neste sentido, precisa se reinventar para que tenha um papel ainda fundamental na formação dos sujeitos e, para isso, a educomunicação se torna a grande promessa das experiências diversificadas de currículo, propondo o engajamento discente como eixo norteador da prática docente.

Vimos que os estudantes tem grande interesse em se tornar sujeitos ativos do próprio processo de aprendizagem e que o professor precisa se tornar, neste novo modelo educacional, um companheiro e guia. A mediação se torna o elemento de maior importância dentro da perspectiva educacional, afinal, o próprio aluno é que deverá conduzir o processo a ser desenvolvido, cujos frutos, como pudemos verificar, se tornam incontestáveis, viabilizando, portanto, novas experiências que possam tomar tais exemplos como nortes, na concretização de uma educação verdadeiramente emancipatória.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fabio. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2009.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2003.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo juvenil* protagonismo Juvenil Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática. São Paulo, SP: FTD, 2006.

FERREIRA, Manuela. Os estranhos sabores da perplexidade numa etnografia com crianças em jardim de infância. In: CARIA, Telmo (Org.). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. Protagonismo Juvenil na Literatura Especializada e na Reforma do Ensino Médio. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n.122, maio/ago. 2004, p. 411-423.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Extensión o comunicación? la concientización en el médío rural*. Buenos Aires, Siglo XXI. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1973.

_____. *Cartas a Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1977.

_____. *Extensão ou Comunicação*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1969.

KAPLUN, M. *Una pedagogía de la comunicación*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

OROFINO, Maria Isabel. Ciranda de sentidos: as crianças, consumo cultural e mediações. In: FANTIN, Mônica; GIRARDELLO, Gilka (Org.). *Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância*. São Paulo, SP: Papirus, 2008.

SANCHO, Juana María. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, Juana María, et al. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

SARTORI, Ademilde Silveira. *A prática pedagógica educ comunicativa e a aprendizagem distraída: criando ecossistemas comunicativos pela mediação escolar*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: conceito, o profissional, a aplicação*. Contribuições para o ensino médio. São Paulo, SP: Paulinas, 2011.

_____. Uma pedagogia da Comunicação. In: APARICI, Roberto. *Educomunicação: para Além do 2.0*. São Paulo, SP: Paulinas, 2014.

SOUZA, Kamila Regina de. *Desenhos animados e educomunicação: as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação Infantil*. 2013. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

STAMATOS, Maria Izabel Calil. *Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de formação para a cidadania*. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/389.%20protagonismo%20juvenil.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

VALLE, Ione Ribeiro. *O olhar de Pierre Bourdieu sobre os princípios (meritocráticos) que fundam a escola republicana*. Trabalho apresentado na ANPED SUL, Londrina, 2010 (mimeo).

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2010.